

DESAFIOS E POTÊNCIAS DO PSICÓLOGO ESCOLAR NO ENSINO MÉDIO EM CONTEXTO PÓS-PANDÊMICO POR COVID-19

ALMEIDA, Gilberto de Melo¹
WERNECK, Giovanna Carrozzino²

1 INTRODUÇÃO

Após aproximadamente dois anos em estado pandêmico devido à Covid-19 e com aulas por meio de ensino remoto emergencial, conforme orientação do Ministério da Educação, iniciou-se a retomada gradativa das aulas presenciais. Durante o período de ensino remoto emergencial, crianças e jovens reduziram seu ambiente de convivência; boa parte não teve acesso ao material escolar devido à falta de acesso à internet ou a aparelho celular; e um número significativo encontrou dificuldades para realização das atividades, pois não havia em casa um ambiente adequado para os estudos (NOBRE *et al.*, 2022). Diante desse contexto, questiona-se: quais foram as consequências na saúde mental de jovens após tal período de restrição e sem acesso adequado ao conhecimento socialmente compartilhado pela escola? Sendo assim, considerando as Referências Técnicas de Atuação dos Psicólogos na Educação Básica (BRASIL, 2019), busca-se: promover a saúde mental por meio da construção coletiva de ações que visem minimizar as dificuldades no processo de escolarização, neste período de retorno às aulas presenciais. Para isto, foi realizada uma pesquisa de campo na Escola Estadual Presidente Getúlio Vargas, no bairro Aquidabã, em Cachoeiro de Itapemirim, Espírito Santo, com alunos do 1º ano do Ensino Médio, e, posteriormente, do 2º ano. A intervenção foi baseada em observação das aulas de cinco turmas do turno vespertino, e ao final, a realização de duas ações visando a produção de dados sobre a relação deles com a escola, a correlação entre presente e futuro, e como a escola intersecciona a história de vida desses alunos.

2 METODOLOGIA

¹ Graduando do curso de Psicologia, da Faculdade Multivix, Cachoeiro de Itapemirim-ES.

² Professora orientadora: Mestre, Curso de Psicologia da Faculdade Multivix Cachoeiro de Itapemirim-ES, giovanna.carro.werneck@gmail.com

A metodologia foi baseada em um processo de pesquisa de campo e intervenção e pesquisa bibliográfica. Inicialmente, foi feito um mapeamento de campo por meio de observação, a fim de localizar e entender quais são as queixas dos alunos, em diálogo com a instituição escolar. Para tal ação, foram realizados momentos de observação durante setembro de 2022 até agosto de 2023. Conforme Martins (1996), a forma de observação e participação se mostra eficiente para o psicólogo escolar, pois possibilita compreender os contextos sociais, as relações que se dão no espaço escolar, e, assim, sugerir ações para as demandas encontradas.

Em seguida, considerando as demandas observadas e debatidas em momentos espontâneos na relação entre os alunos, professores, e o interventor, foram construídas ações nas turmas supracitadas. Ressalta-se que, devido aos momentos cedidos para as intervenções terem sido aulas de Projeto de Vida, as ações se pautaram em alguns aspectos da referida disciplina.

A primeira teve como foco entender as perspectivas dos alunos em relação ao tempo vivenciado na pandemia, e como a escola esteve presente nas famílias, bem como o que eles consideraram que foi aprendido e o que foi perdido por conta do afastamento.

No segundo momento, foi pedido para que eles colocassem em uma folha como eles se enxergavam hodiernamente (eu do presente), os objetivos que desejavam conquistar no futuro, o que os motivava, e como a escola poderia ajudá-los nesse percurso.

As intervenções possuíam o objetivo de oportunizar um momento de escuta e reflexão sobre como a escola interfere na vida, e como eles podem tirar aprender, socializarem e desenvolverem no ambiente escolar.

Utilizando algumas técnicas de análise de conteúdo de Bardin (1977), a cada segmento registrado em folha foi analisado e codificado conforme semelhança e oposições, sendo: a) sobre o “eu do presente” mostrou com frequência questões emocionais, divididas entre positivas e negativas; b) “objetivos para o futuro” se dividiram em questões pessoais, emocionais, continuação nos estudos, bens materiais, e profissão; c) o que os motiva ficou como um único gráfico; d) como a escola pode ajudá-los também sendo dividido entre positivo e “negativo”.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após o período de observação e participação, pode-se notar diversas questões que perpassam o cotidiano escolar, quase como universos diferentes se encontrando a cada dia, e aprendendo as formas de como interagir. Para descrever melhor sobre o que foi construído na interação e observações dos alunos, problematizaremos os padrões encontrados (questões mais singulares não poderiam ser faladas e discutidas de forma breves, assim havendo a necessidade de intervenções mais específicas). Era comum no primeiro ano de intervenção, ou seja, durante 2022, que cada turma respondia de forma diferente aos professores. Ao mesmo tempo, com o tempo, as turmas se tornavam mais colaborativas, à medida que desenvolviam uma relação afetiva com determinados professores. Conforme Maria Fabrícia de Medeiros (2017, p. 10): Constata-se que as relações construídas pelos professores e alunos são um forte fator de evolução ou desconstrução dos indivíduos, pois a insatisfação, em algum ponto específico da vida de ambos, pode gerar alguns problemas para ambas as partes e cada uma reagirá de modo bem particular, mas que serão, certamente, prejudiciais tanto na prática pedagógica quanto na aprendizagem dos alunos (MEDEIROS, 2017, p. 10): Justamente essa relação moldava como as turmas se comportavam, desde se tornarem mais desafiadoras ou mais colaborativas com a proposta do plano de aula. Essa relação poderia ser invertida para visão dos professores com os alunos, pois momentos antes da aula começar, eu questionava as opiniões dos professores sobre a turma, e, por vezes, professores diferentes tinham visões diferentes sobre uma mesma turma. Enquanto alguns falavam sobre a turma estar “melhorando”, outros falavam sobre ser um grupo “complicado de lidar”. De certa forma, a interação aluno-professor se mostra essencial no processo ensino e aprendizagem e na dinâmica de cada turma.

Em uma pesquisa realizada com professores de uma escola agrícola do interior do estado do Espírito Santo, Gisele de Souza Zambon *et al.* (2022) aponta que o afastamento da escola, e o novo ambiente de trabalho virtual afetou não só os alunos, mas também os professores, que em alguns relatos, nem ao menos relacionavam os problemas encontrados em suas narrativas a uma decaída na saúde mental. Tal fato aponta ser uma necessidade para projetos futuros o desenvolvimento de ações de escuta dos professores a fim de se promover a saúde mental em toda a instituição. Sobre as relações de alunos com agentes da coordenação ou pedagogia, alguns

utilizavam do espaço (foi observado que principalmente na coordenação) para desabafar, falar sobre alguns problemas que estavam enfrentando dentro e fora da escola, contudo, se mostra a necessidade de que a escola tenha espaços apropriados de escuta e acolhimento. Nobre *et al.* (2022) citam que o acolhimento dos alunos, fazendo-os protagonistas das ações deste novo momento é essencial, para a formulação de uma nova escola, pois não havendo respostas certas sobre esse processo, as ações precisam ser planejadas a partir do coletivo e de processos de escuta.

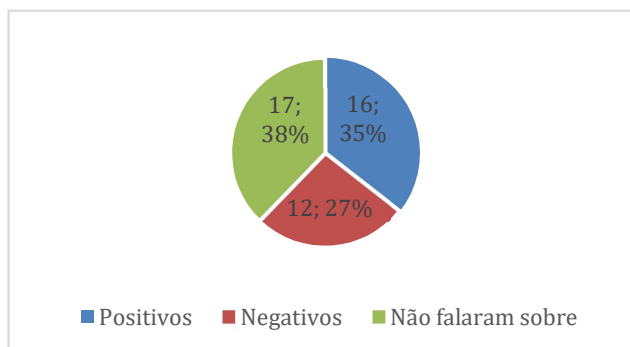
Já as interações aluno-aluno se mostravam as mais diversas, sendo comum salas com grupos bem delimitados. Após um tempo, esses grupos mais se mantiveram do que se desfizeram. Os integrantes dos grupos em geral possuíam algumas identificações, como local onde moravam, gênero, raça, e orientação sexual. A interação de um grupo com outro dependia da sala e uma turma em específico era dividida em dois grandes grupos, havendo certa rivalidade entre eles. Alguns pontos negativos observados nas conversas entre eles era a forma como algumas violências se mostravam difundidas como formas de interação “amigáveis”, piadas homofóbicas, xenofobias, racismo, sexismo, dentre outras formas de opressão eram constantes, o que mostra necessidade de intervenções educativas para esse contexto.

Na primeira intervenção realizada foi questionado sobre as vivências dos alunos no período de pandemia e houve consenso nas cinco salas sobre ser um período da vida bem frustrante porque ter que ficar em casa por muito tempo ocasionou uma inabilidade social que estava sendo retomada com o tempo devido a volta às aulas presenciais. Falas sobre o desenvolvimento de ansiedade, depressão, desânimo, baixa autoestima, surgiram com frequência elegendo como responsável o isolamento social, porém, nenhum aluno explicou sobre ter passado por avaliações de um profissional para atestarem sobre tais sentimentos. Em uma pesquisa realizada por Adriana Aparecida Puerta e Roniberto Morato do Amaral (2008) apontam-se as vantagens que os alunos enxergam sobre a modalidade de ensino presencial, dentre elas o contato possível para com colegas que compartilham de experiências semelhantes e a estimulação de estarem na escola. Ao serem questionados sobre como a escola adentrou a casa, a maioria relatou que praticamente não estudavam, alguns realizavam as apostilas passadas pelos professores via plataformas *online*, havendo pouco interesse na proposta de ensino remoto.

Na última ação realizada, foi pedido para que eles registrassem em uma folha

sobre o presente, vontades para o futuro, o que os motivava, e como a escola poderia ajudá-los quanto a essas questões. Sobre como eles se enxergam hodiernamente, foram levantados os seguintes dados:

Figura 1 – Estados emocionais



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Os dados apontam o fato de ser muito parecido a quantidade de adolescente que falaram de forma positiva e negativa sobre questões emocionais. Para o lado negativo, surgiram palavras como ansiedade e impaciência, com maior frequência. Outro dado que correlaciona com esse se encontra nos dados produzidos sobre o que eles desejavam para o futuro, quando todas as respostas ligadas a um desenvolvimento emocional se ligavam a palavras como felicidade/alegria/paz, o que acaba demonstrando certa confusão sobre o que eles consideram como felicidade.

Também sobre o futuro, 79% das respostas envolvendo objetivos de aquisição de bens materiais como automóveis e casa. O campo sobre bens materiais foi o que mais obteve respostas semelhantes, o que nos leva à seguinte hipótese: o estado emocional que eles desejam de felicidade será alcançado quando eles conquistarem seus bens materiais?

Outro dado interessante foi sobre a quantidade de alunos que citaram sobre a continuidade de estudo e de profissão. Destaca-se que alguns não colocaram tais elementos como ponto futuro para vida. Com isto, aproximadamente 76% dos alunos expressaram a vontade de estar trabalhando em futuro próximo, contudo apenas 33% relataram sobre continuar estudando, apontando algum curso superior ou profissionalizante que pretendem realizar. Vale-se analisar neste contexto a não aparição de certos conteúdos de continuação de estudo, que são caminhos para alcançarem os outros objetivos.

Sobre o que os motiva, os dados mais relevantes foram atribuídos para familiares com 40% e músicas com 29%, o que demonstra que influências familiares e culturais são muito presentes na vida desses jovens, e nesse aspecto atribuído a elas caráter positivo.

Por fim, como a escola pode ajudá-los, 75% das respostas foram positivas, com afirmações sobre a escola ajudar nas tomadas de decisão, conhecimento, projetos de interesse, contudo, os outros 25% atestaram que a escola não os ajuda em nada. Disto pode ser entendido como a escola é um ambiente ambíguo, sendo vista por alguns como um lugar que traz benefícios, enquanto, para outros, ainda não foram construídos sentidos positivos para a instituição escolar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pôde-se notar com os dados apresentados como os comportamentos dos alunos foram interseccionados por diversos contextos que vão para além da escola, essa também uma grande mediadora no processo ensino e aprendizagem e de socialização. Ressalta-se sobre o olhar coletivo que poderia ser promovido pelo psicólogo escolar para que se possa compreender o ritmo e caminhos que alunos e professores possam percorrer, oportunizando também momentos de escuta coletiva e individual.

Por conseguinte, faz-se necessário ressaltar a Lei 13.935/2019, que lança luz sobre os serviços de psicologia nas escolas como fundamental, entendendo que a proposta coloca como objetivo melhorias no processo de aprendizagem e a promoção de saúde mental no ambiente escolar. A escola por concentrar diversos tipos de públicos, poder ser um local de promoção de saúde (BRASIL, 2019).

Sendo assim, por meio de uma escuta de acolhimento e de outras ações construídas coletivamente com o apoio do psicólogo escolar, o protagonismo se faz presente para o desenvolver de uma escola pós-pandêmica que supra as necessidades/desejos dos que frequentam a instituição e que, principalmente, promova a aprendizagem e a socialização de todos.

Alguns percalços acabaram surgindo no caminho desta pesquisa, dentre eles a falta de tempo (disponibilidade da escola) para programação das atividades, pois ainda existe um imaginário de que é preciso preservar a carga horária do aluno e atividades consideradas “paralelas”, mesmo que em prol da aprendizagem, são relegadas a segunda plano no cotidiano escolar.

Ressalta-se que, conforme exposto por Lilian Aracy Affonso Veronese e Adriana Marcondes Machado (2022), a relevância dos pressupostos da Análise Institucional para intervir no âmbito escolar, entendendo que tal via leva em consideração as questões políticas perpassadas, também colocando em jogo as posições do instituído e do instituinte e como esses ressoam sobre a escola e os sujeitos, procurando por vezes repensar nos vários exercícios já instalados, o que acaba por ser mais fundamental ainda neste contexto pós-pandemia, pois deve-se pensar em uma nova escola e não reproduzir aquilo que já era conhecido antes da pandemia.

5 REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL. CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Referências técnicas para atuação de psicólogos (os) na educação básica**. 2. ed. Brasília: CFP, 2019. Disponível em: <https://sítio.virtual.cfp.org.br/wp-content/uploads/2019/08/EducacaoBASICA_web.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2023.

Lei 13.935, de 11 de dezembro de 2019. Dispõe sobre a prestação de serviços de psicologia e de serviço social nas redes públicas de educação básica. Brasília: Planalto. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/L13935.htm. Acesso em: 15 abr. 2023.

MARTINS, J. B. Observação participante: uma abordagem metodológica para psicologia escolar. **Semina: Ciências Sociais/Humanas, Londrina** v. 17, n. 3, p. 266-273, 1996. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/view/9472/8263>. Acesso em: 13 ago. 2023.

MEDEIROS, M. F. O papel da afetividade na relação professor e aluno e suas implicações na aprendizagem. **Revista Online de Política e Gestão Educacional**, v. 21, n. 2, p. 1165-1178, 2017. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/10179/7023>. Acesso em: 28 jun. 2023.

NOBRE, M. R. *et. al.* Que escola pós-pandemia? **SciELO Preprints**. 2022. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/5338/10366>. Acesso em: 11 abr. 2023.

PUERTA, A. A.; AMARAL, R. M. **Comparação da educação presencial com a educação à distância através de uma pesquisa aplicada**. XV Seminário Nacional de Biblioteca Universitárias. São Paulo, 2008. Disponível em:

<http://repositorio.febab.org.br/items/show/4329>. Acesso em: 25 jul. 2023.

VERONESE, L. A. A.; MACHADO, A. M. O pensamento institucionalista e a psicologia escolar: desassossegando as lógicas do cotidiano. **Revista Psicologiaescolar e educacional**, v. 26, 2022. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pee/a/4nBByV3Y7z5QGyYVHj5Q3fQ/#>. Acesso em: 23 jun. 2023.

ZAMBON, G. S.; BACKER, R. J. M.; COLLE, T. M.; WERNECK, G. C. Os impactos da pandemia por covid-19 na saúde mental de professores: um estudo de caso na escola agrícola de Brejetuba/ES. **Revista Científica Ambiente Acadêmico, Cachoeiro de Itapemirim**, v.08, n. 02, p. 26-38, 2022. Disponível em:

<https://multivix.edu.br/pesquisa-e-extensao/revista-cientifica-ambiente-academico/revista-ambiente-academico-volume-08-numero-02/>. Acesso em: 10 mai. 2023.